



## **O DESENHO DO PAR EDUCATIVO: UM RECURSO PARA O ESTUDO DOS VINCULOS NA APRENDIZAGEM<sup>1</sup>**

Ana Maria Rodrigues Muñiz<sup>2</sup>

Quando o educador começa a abandonar concepções funcionalistas-associacionistas sobre a aprendizagem e se coloca na posição mais dinâmica de considerá-la expressão da personalidade total... Quando a aprendizagem ou a não aprendizagem deixa de poder ser explicada dentro de um sistema do tipo estímulo – resposta; ou Ainda, quando o aprender ou o não aprender já não pode ser visto como o resultado exclusivo de um nível mais ou menos alto de inteligência, de definição de lateralidade, etc... Ai mesmo, neste vazio da explicação, começa a criar-se o espaço para começar a pensar no valor do vínculo afetivos na aprendizagem humana. Pessoalmente penso que é neste vínculo que a aprendizagem encontra, tanto sua possibilidade como seu obstáculo. Reflitamos então sobre a tão célebre relação professor e aluno, transferível também à relação psicopedagógica – paciente. De sua importância afetiva na vida pessoal, dão conta a literatura e até a música popular, e sendo como é relativamente tardia na história do sujeito, esse vínculo está longe de ser o que poderíamos chamar de “ingênuo”. O psicanalista argentino Enrique Pichón Riviere se referia aos encontros entre pessoas dizendo que “todo encontro é um reencontro”. O mesmo, ao estudar os processos de construção do mundo interno (e usando termos do psicodrama) refere-se a este mundo como uma “trama argumental interna”, “um cenário interior”, habitado por personagens articulados entre si. Esta dramática interna tem historicidade, vai se estruturando a partir das primeiras experiências vinculares, que são as que irão modelar e configurar um estilo de interpretação do real. Neste cenário interior persistem então cenas arcaicas, interpretações de experiências vinculares primárias que ao operar no “aqui e agora” de uma nova relação, determina as formas de aproximação ao outro, as formas de interpretar essa realidade objetiva. Isto nos ajuda a compreender o porquê dessa não ingenuidade do vínculo professor- aluno, ele estará cunhado e preso a essas experiências anteriores.

É pelo interesse de conhecer melhor esses modelos vinculares que começamos a incluir no diagnóstico psicopedagógico uma técnica projetiva gráfica: o desenho do par educativo. Hoje amplamente difundida na Argentina no trabalho em psicopedagogia, a aprendi de minha companheira do “Hospital de niños”, a pedagoga argentina Malvina Oris, que criou era modificação do teste de “duas pessoas” para seu trabalho com adolescentes. A partir daí, começamos a usá-las em crianças com problemas de aprendizagem e hoje

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 1º Encontro de Psicopedagogos. São Paulo, 1984 – (Tradução de Leda Maria Codeço Barone).

<sup>2</sup> Psicopedagoga: Ex- professora titular de Psicopedagogia preventiva e institucional da Faculdade . El Salvador – Buenos Aires (Argentina).

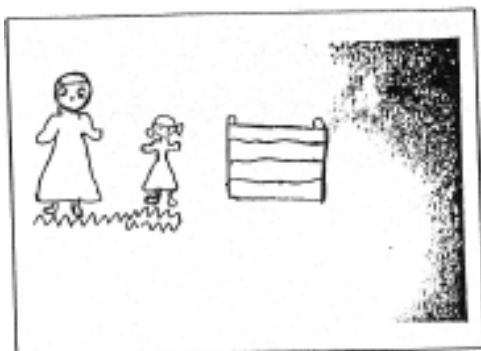
quero apresentá-la, embora uma mais completa validação clínica e pautas padronizadas de avaliação estejam sendo objeto de um trabalho que realizamos com a Dr. Maria Carpossi.

Trata-se de uma modificação do teste de “duas pessoas”, onde a instrução te a particularidade de especificar a situação, a tarefa que complete aos personagens, ao solicitar-se “alguém que aprende e alguém que ensina, em qualquer situação”. Como em outras técnicas projetivas gráficas, o desenho realizado se complementa com a solicitação de nome, idade dos personagens e um posterior relato sobre a situação representada. A técnica procura obter dados sobre essa cena vincular a que nos referimos antes, que a situação de aprendizagem atual reativa, tratando de definir o clima emocional característico de cada caso.

Os desenhos a seguir foram produzidos por escolares, exemplificando os diferentes modos de representar essa relação vincular de aprendizagem.



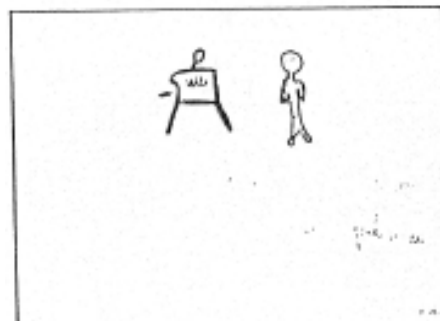
**Figura 1<sup>3</sup>** – Menina, 8 anos, sem dificuldade de aprendizagem e nem de adaptação à escola.



**Figura 2** – Menina, 8 anos, sem dificuldade de aprendizagem, procura atenção especial da professora pedindo a sua aprovação a respeito de todo o trabalho que faz.

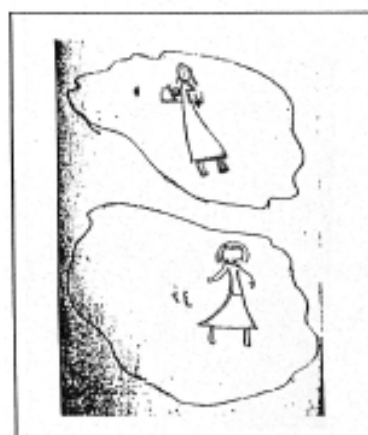
<sup>3</sup> Obs: Apesar da qualidade das reproduções dos desenhos não estarem perfeitas, os editores optaram por colocá-las neste Boletim, uma vez que explicitam com fidelidade o conteúdo do texto. As cópias foram realizadas a partir de Slides, em vista dos originais encontram-se na Argentina.

**Figura 3** – Menino, 8 anos, sem dificuldade de aprendizagem. Aparecem sentimentos de menos valia e medo de castigo.



**Figura 4-** Menina, 8 anos, sem dificuldade de aprendizagem. Valoriza a figura da professora e teme as notas baixas.

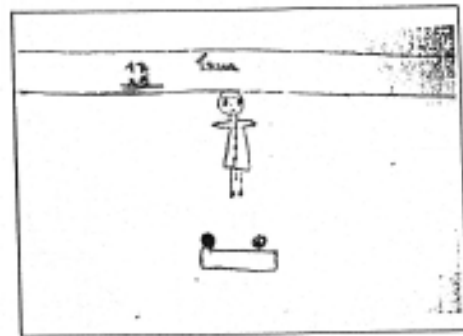
**Figura 5** – Menina, 7 anos e 6 meses, sem dificuldades específicas, apresenta rendimento escolar instável e dificuldade de comunicação com a professora e o grupo.



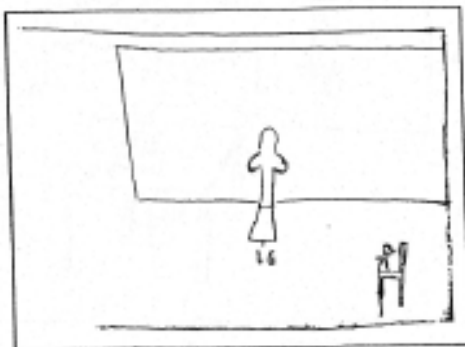


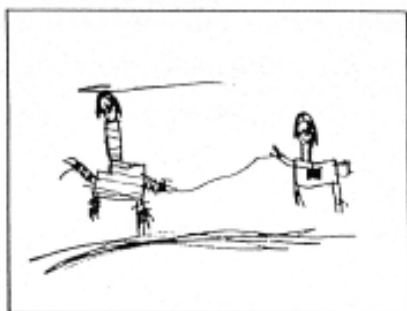
**Figura 6-** Menina, 8 anos, apresenta dificuldades de aprendizagem, timidez e insegurança intensas.

**Figura 7-** Menina, 8 anos, sem dificuldade de aprendizagem, tem pouca participação e criatividade em sala de aula.



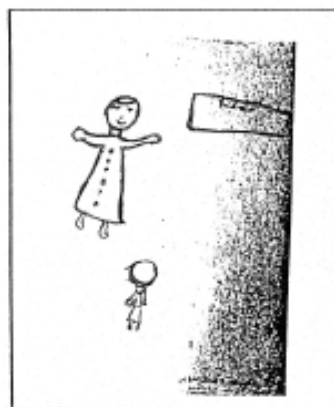
**Figura 8 –** Menina, 8 anos, sem dificuldade de aprendizagem, aparecem claramente representados os conteúdos programáticos como manifestação de um contato não temeroso com o conhecimento.





**Figura 9** – Menino, 6 anos, criança com patologia severa, apresenta dificuldade na alfabetização e na adaptação à escola. Tem dificuldade para separar-se da mãe e permanecer no colégio.

**Figura 10** – Menina, com 7 anos, com dificuldade de aprendizagem, tem atitude competitiva com a professora e se nega a exercitar afirmando: “Eu não quero aprender ...eu quero saber.”





**Figuras 11,12,13,14 e 15** – Correspondem a desenhos de pré- adolescentes de 14 – 15 anos. Os desenhos mostram um relacionamento professor-aluno hostil, desumanizado, exigente e perigoso às vezes; e longe das preocupações e motivações próprias da idade em outras. Em “todos os casos trata-se de alunos de escola comum.

Devemos ter claro que existem diferentes níveis de interpretação destes desenhos, provavelmente o mais valioso é o de análise do conflito que é representado e as defesas levantadas contra-eles. Contudo, nesta oportunidade e como primeira aproximação, podemos limitar-nos a observar características atribuídas pelas crianças; algumas referencias a como aparecem expostos os conteúdos da aprendizagem e finalmente ao clima emocional característicos da situação total. Veremos representas cenas de hostilidade, incomunicabilidade entre os personagens e também cooperação e integração emocional.



---

Para finalizar, lembro, que os dados obtidos através da aplicação desta técnica, não serão suficientes para a compreensão do problema de aprendizagem se o psicopedagogo não os integrar aqueles que provêm da mesma experiência vincular que o diagnóstico possibilita.